

notícias

In Memoriam de Adília Lopes (20/04/1960 – 30/12/2024)



Grande parte da turma que partilhou vários anos do curso de Física com Adília Lopes, numa visita ao Reator Nuclear no LFN, no seu 1.º ano em 1978/79. Adília Lopes, terceira aluna a contar da esquerda, na 2ª fila, na turma do 1.º ano de Física em 1978/79. Ao seu lado no quarto lugar para a direita encontramos o professor António Melo e no sexto a autora.

Conheci a Maria José Oliveira (Adília Lopes) em 1978 no primeiro dia de aulas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, em que ambas iniciámos o nosso percurso na Licenciatura em Física. Recordo-me que chovia imenso e que a porta do edifício na Av. 24 de Julho estava fechada, porque só abria próximo das 08:00 [1]. Felizmente o exterior era coberto! Chegámos demasiado cedo (afinal éramos ca-loiras), mas não houve grande conversa.

Durante o tempo que passou na Faculdade de Ciências, a Maria José revelou-se uma rapariga sossegada e introvertida, nunca a vi entusiasmada ou divertida, passava despercebida se não a interelássemos. No entanto, gostava muito de conversar. Durante o curso foi-lhe diagnosticada uma

psicose esquizoafetiva, doença que sempre assumiu, e que a fez interromper os estudos de Física. Foi então que chegou à conclusão de que Física não era o seu primeiro amor, e em 1983 trocou Ciências por Letras. Ingressou na Faculdade de Letras na Licenciatura em Literatura e Linguística Portuguesa e Francesa que concluiu já conhecida pelo seu pseudónimo Adília Lopes. Recordo que em 1985 me convidou para sua casa e me ofereceu, feliz, uma cópia do seu primeiro livro de poemas “Um jogo bastante perigoso”. Gostava do sossego e da sua privacidade. Não era alguém que pretendesse ter protagonismo ou ser célebre, mas gostava de colocar no papel as suas reflexões e as suas emoções. Encontrou na escrita a sua razão de ser.

Sobre o tempo que passou na faculdade referiu mais tarde no texto **ESCOLA POLITÉCNICA** 23/8/14, In Manhã, Adília Lopes, 2015 Ed. Assírio & Alvim, pág. 57

“Lembro-me das palmeiras muito altas muito velhas da entrada da Escola Politécnica. Estão ali por engano, contou-me a minha mãe. Queriam plantar palmeiras pequenas. Mas houve um engano nas sementes, nos rebentos, não sei como se plantam palmeiras, e nasceram aquelas palmeiras enormes. Parece o Norte de África, onde nunca estive. De 1978 a 1982 fui aluna do curso de Física. Gostei de estudar Física. Tive bons colegas e bons professores. Mas esse tempo foi o deserto para mim. Havia no país um ambiente de guerra civil. Tinha havido o incêndio na Escola Politécnica. Ter 20 anos não foi bom para mim. É melhor ter 50 do que 20. É assim para muita gente mas as pessoas não dizem estas coisa.”

Em sua obra existem várias referências à Física, por exemplo na mesma obra, no texto **VAZIO** 10/8/14 In Manhã, Adília Lopes, 2015 Ed. Assírio & Alvim, pág. 67

“Uma vez, num texto, falei em esgrimir no vazio. É uma questão de física. Não sei o que é manejar um florete sem resistência do ar. Não é fácil imaginar o vazio. Talvez esgrimir no vazio seja um disparate.”

Foram várias as obras que publicou, sempre provocando as mais variadas reações dos seus leitores, e fomentando diferentes análises da sua obra. Não é possível conhecer Adília Lopes sem a ler. Sugiro que “experimentem” alguns dos seus poemas ou textos.

Morreu cedo, mas deixou uma marca na literatura portuguesa que o tempo não apagará e, embora não tenha seguido pessoalmente o seu percurso, retirei de outras biografias (“abençoada” internet que não estava disponível quando ambas fizemos o curso) a lista dos seus muitos livros e alguns escritos que lhe devemos. [2]

- Um Jogo Bastante Perigoso (Ed. autora, 1985)
- O Poeta de Pondichéry (Frenesi 1986)
- A Pão e Água de Colónia (Frenesi, 1987)
- O Marquês de Chamilly (Kabale und Liebe) (Hiena, 1987)
- O Decote da Dama de Espadas (INCM, 1988)
- Os 5 Livros de Versos Salvaram o Tio (Ed. autora, 1991)
- Maria Cristina Martins (Black Sun Editores, 1992)
- O Peixe na Água (& etc, 1993)
- A Continuação do Fim do Mundo (& etc, 1995)
- A Bela Acordada (Black Sun Editores, 1997)
- Clube da Poetisa Morta (Black Sun Editores, 1997)
- O Poeta de Pondichéry seguido de Maria Cristina Martins (Angelus Novus, 1998)
- Florbela Espanca espanca (Black Sun Editores, 1999)
- Sete rios entre campos (& etc, 1999, com ilustrações de Paula Rego)
- Irmã Barata, Irmã Batata (Angelus Novus, 2000)
- Obra (Mariposa Azul, 2000)
- Quem Quer Casar Com a Poetisa? (Quasi, 2001)

- Rimas de Berço (Nursery Rhymes); (Relógio D'Água, 2001 - Tradução de Adília Lopes e Gravuras de Paula Rego)
- Crónicas da Vaca Fria, publicadas no Jornal PÚBLICO, 2001 (<http://arlindo-correia.com/200301.html>)
- Cartas do meu Moinho, publicadas no Jornal PÚBLICO, 2002 (<http://arlindo-correia.com/180902.html>)
- A Mulher-a-Dias (& etc, 2002)
- César a César (& etc, 2003)
- Poemas Novos (& etc, 2004)
- Caras Baratas (Relógio D'Água, 2004)
- Le Vrai La Nuit - A Árvore Cortada (& etc, 2006)
- Caderno (& etc, 2007)
- Dobra (Assírio & Alvim, 2009, 1ª edição)
- Apanhar ar (Assírio & Alvim, 2010; com desenhos da autora)
- Café e Caracol (Livro de artista, Casa Fernando Pessoa, 2011)
- Andar a Pé (Averno, 2013)
- Dobra - Poesia Reunida - 1983-2014 (Assírio & Alvim, 2014)
- Manhã (Assírio & Alvim, 2015)
- O Poeta de Pondichéry (Assírio & Alvim, 2015, com desenhos de Pedro Proença)
- Capilé (Averno, 2015, com desenhos de Bárbara Assis Pacheco)
- Comprimidos (Telhados de Vidro nº20, Setembro 2015)
- Bandolim (Assírio & Alvim, 2016)
- Z/S (Averno, 2016)
- Estar em Casa (Assírio & Alvim, 2018)
- Dias e Dias (Assírio & Alvim, 2020)
- Dobra - Poesia Reunida - 1983-2021 (Assírio & Alvim, 2021)
- Pardais (Assírio & Alvim, 2022)
- Choupos (Assírio & Alvim, 2023)
- Dobra - Poesia Reunida - 1983-2023 (Assírio & Alvim, 2024)

Maria Margarida Cruz
mmcruz@ciencias.ulisboa.pt

Referências

[1] Este foi o ano letivo que sucedeu ao incêndio da Escola Politécnica, tendo que se alojar a Faculdade num edifício alternativo.

[2] https://pt.wikipedia.org/wiki/Ad%C3%ADlia_Lopes (consultada em 5 janeiro 2025)